

**DO CAMPO PARA A CIDADE: As motivações de alguns jovens do Assentamento
Patagônia, Mato Grosso do Sul, Brasil.**

Carlos Alberto Dettmer

Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, Campo Grande, MS
carlos.dettmer@ifms.edu.br

Hélio Ávalo

Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, Campo Grande, MS
helioavalo@hotmail.com

Leonardo Echeverria Martins

Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, Campo Grande, MS
leo-martins100@hotmail.com

Maurício B. Castellano

Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, Campo Grande, MS
mauriciobadch@gmail.com

Marney P. Cereda

Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, Campo Grande, MS
cereda@ucdb.br

RESUMO

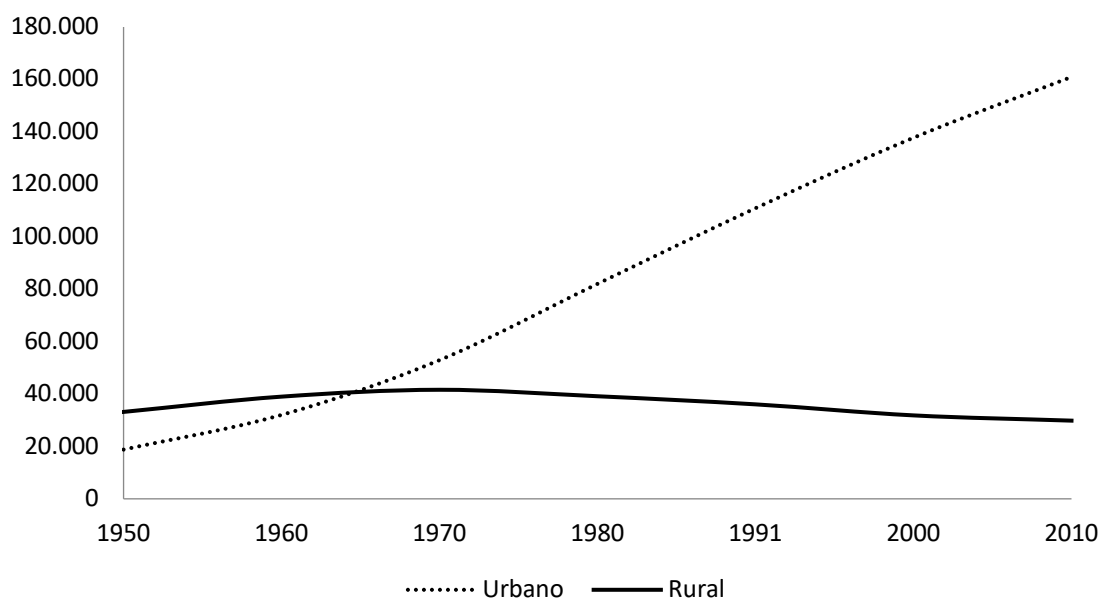
A partir da segunda metade do século XX, a população brasileira se deslocou do campo para ocupar um lugar no meio urbano, na ilusão de uma vida melhor. Nas últimas quatro décadas, foi possível acompanhar o crescimento desordenado das cidades principalmente as metrópoles e grandes capitais. O êxodo rural viria a se tornar um dos grandes responsáveis por um crescimento desordenado das cidades, motivado em partes pela chegada de jovens e famílias de agricultores, que vinham na busca por uma oportunidade melhor de emprego. Neste trabalho, buscou-se entender um pouco os motivos da saída dos jovens do meio rural. Foram entrevistados 54 (cinquenta e quatro) jovens do ensino médio da Escola Municipal Salustiano da Motta, localizada no assentamento rural Patagônia, distrito de Campo Verde, município de Terenos, MS, Brasil. Nos relatos dados a partir de questionário aplicado pode se observar que; as oportunidades apresentadas pelas cidades como: cursos, empregos e faculdade, junto a falta de dinheiro, extensão rural, assistência técnica insuficientes, falta de transporte para escoar a produção e baixa valorização dos produtos da agricultura no momento da venda são fatores motivadores para o abandono do campo.

PALAVRAS CHAVES: Êxodo Rural; Agricultura Familiar; Emprego.

O êxodo rural pode ser considerado um fenômeno social que tem como resultado a migração da população rural para os centros urbanos. Este movimento ocorre grande parte, pela busca das pessoas do meio rural por oportunidades de trabalho e renda nas cidades, tendo como objetivo, melhorar suas condições de vida e da família (DREBES e OLIVEIRA, 2017).

De acordo com Miller (2012) e Landes (2018), ao final do século XVIII e início do XIX, durante o período de industrialização da Europa, a população agrícola foi chamada para servir como mão de obra para as fabricas que se estabeleciam nos países daquele continente. Já no final do século XIX e início do XX, foi à vez dos Estados Unidos, onde observamos a repetição do fenômeno. No Brasil, o processo do êxodo rural ocorreu de forma mais intensa nas décadas de 1960 a 1980, com a população urbana ultrapassando a rural (Gráfico 1), mantendo patamares relativamente elevados na década que segue, perdendo um pouco mais de força a partir dos anos 2000 (ALVES et al. 2011 e CHATEL, et al. 2017).

Gráfico 1. Crescimento da população brasileira rural e urbana período 1950 a 2010



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados do IBGE 2010, Censo Demográfico 1950/2010.

Para Miller (2012) e Landes (2018), grande parte desse processo, deve-se ao projeto de industrialização do país, principalmente logo após o período pós 2ª Guerra Mundial. Importante frisar que as dificuldades enfrentadas na agricultura a partir do bloqueio dos

projetos de reforma agrária, bloqueio dos movimentos sociais e modernização da agricultura (WANDERLEY, 2011), aliados a falta da mão de obra na indústria, fizeram com que a população rural fosse trabalhar nas fábricas estabelecidas no meio urbano principalmente, em cidades maiores e grandes capitais (MILLER, 2012 e LANDES, 2018). As consequências deste processo foram percebidas já na segunda metade do século XX, em função do crescimento acelerado e desordenado das cidades (ALVES et al., 2011 e ALBORNOZ, 2017).

Ainda, de acordo com Alves et al. (2011) e Topel (2017), a partir do final da década de 1970, podem ser percebidas as evidências acerca da redução da população rural. Parte disso, devendo-se aos movimentos migratórios próprios e parte em função da queda nas taxas de fecundidade rural, ou seja, a necessidade da mão de obra no campo começa a diminuir e as famílias tornam-se menores, fato que, contribuiu para a diminuição do ritmo de crescimento destas populações.

Para Prado Jr. (2011), o processo do êxodo rural trouxe uma série de consequências entre estas, a formação dos chamados “vazios demográficos no campo”. Em algumas partes das regiões Sul, Sudeste, e principalmente Centro-Oeste, existem áreas onde as densidades demográficas praticamente são nulas. Nestes espaços, restaram somente as pessoas mais velhas da família, tendo os jovens migrando para as cidades na busca de estudo, emprego e renda (PRADO Jr., 2011). O objeto de estudo deste trabalho foi o de entender um pouco melhor o que levou e leva os(as) jovens a abandonar o meio rural e ir para cidade.

As últimas 04 décadas foram marcadas pela saída da população do campo para a cidade, na ilusão de vida melhor THORNS (2017). De acordo com Wohl (2017), a imigração do homem do campo para as cidades pode ser atribuída a diversos fatores como:

- a seca que castiga algumas regiões do país e dificulta a vida destas populações;
- os incentivos agrícolas que não chegam e em alguns casos são escassos ou até mesmo cortados;
- inviabilidade na produção agrícola pelos altos custos e baixos preços dos produtos agrícolas praticados, bem como, as políticas agrícolas do governo voltadas na maioria das vezes para a produção de *commodities*, com o intuito de abastecer o mercado agroexportador;
- concentração da produção do campo, na medida em que a menor disponibilidade de terras proporciona maior mobilidade da população rural de média e baixa renda (GARCIA, 2018);

- efeito de atração que os meios de comunicação social apresentam sobre as cidades como fontes da realização dos desejos BEST (2017).

Além destes fatores, Firmiano (2018), atribui uma parte da responsabilidade pelo processo do êxodo rural a intensificação da mecanização do campo, com a substituição de parte dos trabalhadores rurais por máquinas e implementos, diminuindo a geração de empregos no setor primário e forçando em alguns casos a saída da população do campo para as cidades.

Essa aceleração no processo de urbanização do Brasil, ao longo do século XX, ocorreu principalmente, nas grandes metrópoles do país, sobretudo, as da região sudeste. Essa concentração deve se ao fato, do êxodo rural vir acompanhado de uma migração interna principalmente, das populações advindas da região nordeste e migrando para a região sudeste, buscando os polos de maior atratividade econômica e com mais acentuada industrialização (ZAGO, 2016).

De acordo com Diop e Remvikos (2016), a migração descontrolada aliada ao êxodo rural, trouxe alguns problemas sociais nas localidades urbanas que receberam este elevado número de migrantes. Bairros sem a infraestrutura mínima para atender as populações foram criados, dando origem a uma expansão desmedida das periferias urbanas, com a formação de habitações irregulares e o crescimento das favelas em várias metrópoles do país (DE OLIVEIRA, 2018). Existem ainda, outros efeitos resultantes da ineficiência do Estado em lidar com a chegada das populações como: a ausência de profissionais e unidades de saúde, insuficiência de creches e escolas, precariedade nas questões que tratam da segurança pública e lazer, entre outros problemas, oportunizando ainda, um aumento nas questões ligadas a desigualdade social (PIRES, 2016).

A falta de qualificação profissional e educacional dos migrantes vindos do campo – pois, os conhecimentos adquiridos no campo ao longo da vida não tem utilidade em centros urbanos, dificultam a busca por uma vaga no mercado de trabalho formal principalmente, nas grandes cidades, fazendo com que, estes trabalhadores busquem o trabalho informal ou subemprego o qual pratica na maioria das vezes, remunerações mais baixas e oferece condições precárias para as práticas das atividades (BENSE, 2016). Para Gomes, et al. (2018), o êxodo rural após um determinado período, acompanhado do crescimento das cidades, propiciou a expansão do setor terciário, contribuindo para o aumento nos índices de

desemprego e emprego informal, gerando uma maior precarização das condições de vida dos trabalhadores.

Para Wever (2016), um dos principais motivos que levam ao êxodo rural na maioria dos países em que este fenômeno ocorre é o desejo por uma melhor qualidade de vida, pois os habitantes das regiões rurais sofrem com a falta de infraestruturas básicas, como estradas sem manutenção, hospitais, facilidades de transporte, cursos técnicos rurais na localidade, capacitação da comunidade e principalmente emprego. Bowen (2018) ressalta que para evitar crises sociais, são necessárias aplicações de políticas públicas que auxiliem o investimento nas atividades do campo, assim como na produção dos pequenos e médios produtores rurais, além da garantia de infraestrutura básica de qualidade nessas regiões (BOWEN, 2018).

DESENVOLVIMENTO

O presente trabalho foi baseado em levantamento bibliográfico que utilizou série de fontes secundárias relacionadas a área. Publicações e artigos científicos além de pesquisas sobre influência no desenvolvimento regional na evolução econômica e social do jovem. Também foram entrevistados 54 (cinquenta e quatro) jovens estudantes do ensino médio de uma extensão da Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Valadares, a qual funciona no meio rural, mais precisamente na Escola Municipal Salustiano da Motta, localizada no Assentamento Rural Patagônia, distrito de Campo Verde, município de Terenos, estado de Mato Grosso do Sul, Brasil.

A metodologia utilizada teve o propósito de estudar os critérios que motivam e levam os jovens a tomar a decisão sobre sair do campo e irem para a cidade. A coleta dos dados de campo foi realizada no dia 05/10/2017 na própria Escola Municipal Salustiano da Motta. O instrumento de pesquisa utilizado para as entrevistas foi através de questionário simples, semiestruturado, o qual possuía basicamente duas perguntas:

- 1 - Caso você saísse do campo para a cidade, o que você levaria?
- 2 - Caso você voltasse da cidade para o campo, o que você gostaria de trazer?.

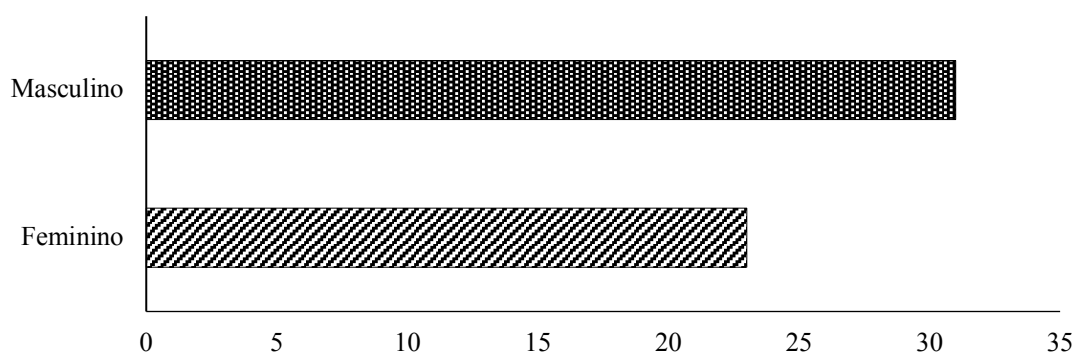
Além das duas perguntas principais, também foram registrados vários aspectos da relação dos jovens com a família e o meio rural como:

- A - a percepção mais positiva dos entrevistados sobre o campo;
- B - informações atualizadas quanto às necessidades dos jovens entrevistados;

C - nível de confiança desenvolvida pelos jovens em função da maior aproximação de melhoria de vida.

O elemento amostral contou com um total de cinquenta e quatro alunos da Escola Municipal Salustiano da Motta, sendo 31 (trinta e um) do sexo masculino e 23 (vinte e três) do sexo feminino (Figura 1).

Figura 1: Classificação quanto ao sexo dos alunos entrevistados na Escola Municipal Salustiano da Motta Assentamento Rural Patagônia, Distrito de Campo Verde, município de Terenos, MS – Out. 2017



Fonte: Os autores.

Após a coleta dos dados, os mesmos foram organizados em planilhas eletrônicas para ser realizada a análise exploratória, possibilitando gerar gráficos quantitativos sobre a vivência dos jovens na propriedade rural, verificando níveis de satisfação individual. Além disso, foi possível estruturar gráficos qualitativos para analisar o desejo de melhorar a qualidade de vida no campo. As comparações foram feitas utilizando-se testes de médias e razões centesimais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

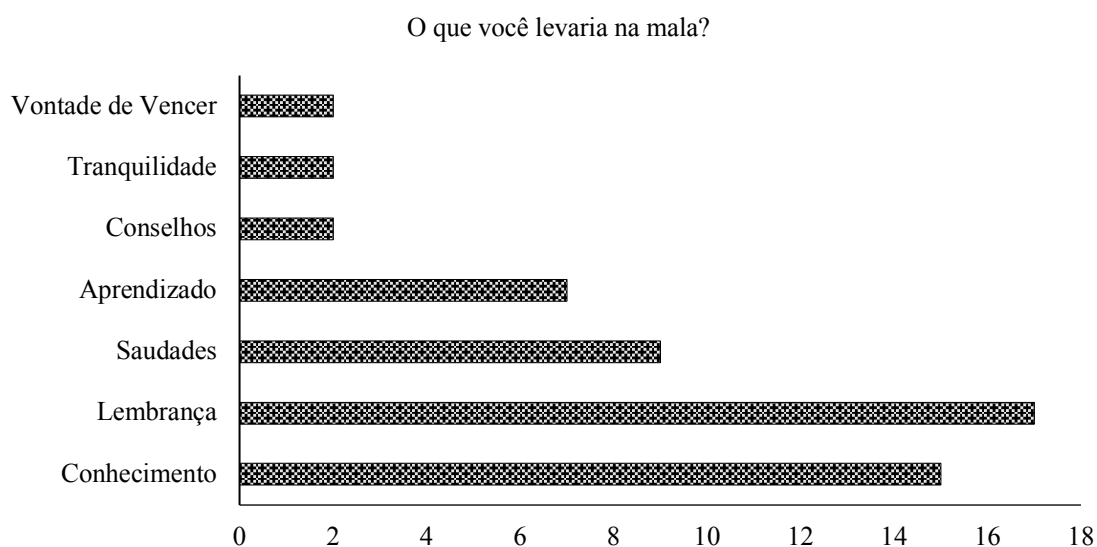
Na análise qualitativa dos questionários aplicados entre os jovens, observou-se que para estes, as áreas urbanas apresentam mais oportunidades, como: mais cursos, empregos e faculdades. Por outro lado, de acordo com as respostas dos entrevistados, no campo existem algumas ofertas de trabalho, porém sem remuneração. Para a grande maioria dos

entrevistados, o ganho acontece somente por produtividade, onde, existe a possibilidade do jovem trabalhar em uma parte da área dos pais, com possibilidade de obter renda. As maiores

queixas dos entrevistados quanto perguntados sobre as principais dificuldades enfrentadas para produzir no campo, se voltam para as questões ligadas à falta de dinheiro, assistência técnica, falta de transporte para escolar, a pequena produção, gerando a falta de comércio, e baixa de valorização de produtos produzidos pelas famílias rurais.

Quando questionados sobre “o que o jovem levaria na mala caso fosse para cidade” o resultado da pesquisa traz a lembrança e o conhecimento como pontos de destaque (Figura 2).

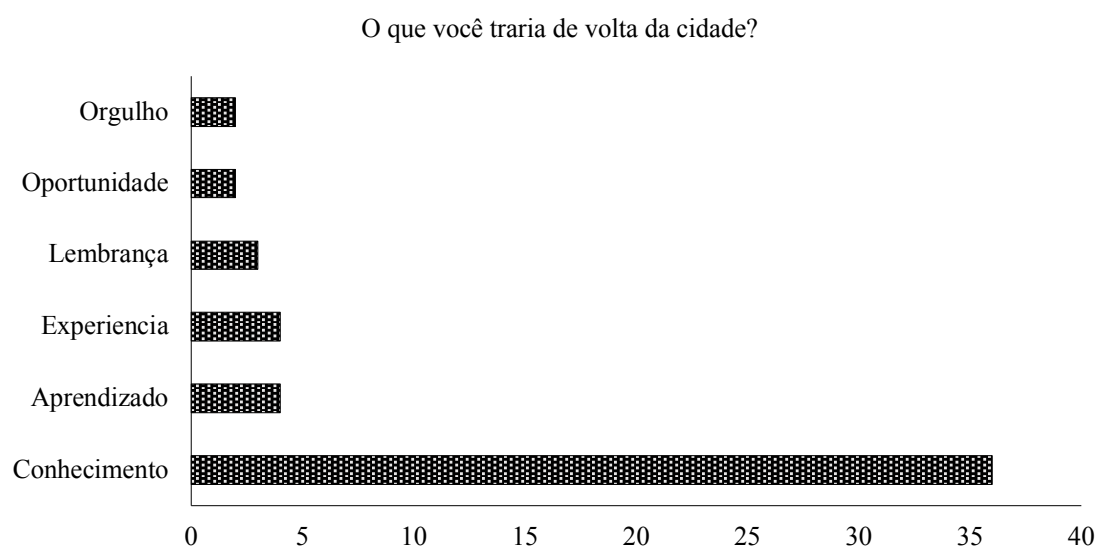
Figura 2: Resultados sobre a pergunta; “O que você levaria na mala, caso você fosse do campo para a cidade?” Entrevistados na Escola Municipal Salustiano da Motta Assentamento Rural Patagônia, Distrito de Campo Verde, município de Terenos, MS – Out. 2017.



Fonte: Os autores.

Ao entrevistar os jovens sobre o que trariam de volta para o campo quando retornassem da cidade, “o conhecimento” é o ponto de destaque e mais mencionado pelos entrevistados (figura 3). Importante observar que a oportunidade muitas vezes, motivo de abandono do campo foi pouco representativa neste caso.

Figura 3: Resultados sobre a pergunta; “O que você traria de volta na mala, caso você voltasse da cidade para o campo?” Entrevistados na Escola Municipal Salustiano da Motta Assentamento Rural Patagônia, Distrito de Campo Verde, município de Terenos, MS – Out. 2017.



Fonte: Os autores.

Como visto no texto, pode se observar que o êxodo rural, contribui em grande para crescimento desordenado dos grandes centros urbanos, onde, as famílias rurais inteiras e em alguns casos somente os filhos destas, abandonaram o campo na busca de oportunidades melhores, com a finalidade de construir uma vida melhor. A falta de capacidade em competir no mercado de trabalho das cidades, junto a falta de oportunidade tão sonhada, fez com que alguns destes migrantes buscassem o trabalho informal ou em alguns casos extremos o caminho das atividades ilícitas, tornando-se reféns de um sistema que atua dentro da ilegalidade. Poucos foram os migrantes da grande massa de retirantes do campo que retornaram para os seus locais de origem na busca da oportunidade antes vista somente nos centros urbanos. Na atualidade é possível ver em algumas regiões do Brasil, resultados sobre programas e propostas do poder público, nas três esferas do governo, que vem dando certo, incentivando aos jovens a permanecerem no campo e também em alguns casos, retornarem das cidades para o campo, assumindo a responsabilidade da atividade agrícola e fazendo a gestão da propriedade rural antes gerida pelos pais.

A possibilidade em contrair o crédito rural sanando a falta momentânea de dinheiro para realizar as operações de custeio e investimento tem sido um dos principais fatores que

impulsiona e incentiva o retorno destes jovens e muitas vezes até de algumas poucas famílias. Podemos citar também, os trabalhos realizados pelas empresas de assistência técnica e extensão rural, cooperativas como estruturas de fomento de retorno para o campo.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, S. **O que é trabalho**. Brasiliense, 2017.

ALVES, E.; SOUZA, G. S.; RENNER, M. **Êxodo e sua contribuição à urbanização de 1950 a 2010**. *Revista de Política Agrícola* (Embrapa). Ano XX – nº 2. pp.80-88. 2011.

BENSE, K. International teacher mobility and migration: A review and synthesis of the current empirical research and literature. **Educational Research Review**, v. 17, p. 37-49, 2016.

BEST, J. **Images of issues: Typifying contemporary social problems**. Routledge, 2017.

BOWEN, H. **Investment in learning: The individual and social value of American higher education**. Routledge, 2018.

CHATEL, C.; MORILLAS-TORNÉ, M.; ESTEVE, A.; MARTÍ-HENNEBERG, J. Patterns of Population and Urban Growth in Southwest Europe: 1920-2010. **Journal of Urban History**, v. 43, n. 6, p. 1021-1040, 2017.

DE OLIVEIRA, A. L. G. **A produção do espaço urbano de Cuiabá, Mato Grosso**. Cia do e-Book, 2018.

DIOP, M.; REMVIKOS, Y. Dakar suburb communities and recurrent flooding: the relevance of social capital and adaptive capacity. **Environnement, Risques & Santé**, v. 15, n. 4, p. 341-350, 2016.

DREBES, L. M.; OLIVEIRA, F. S. A Construção Social da Juventude Rural Diante dos Processos Migratórios: Um Estudo de Caso da Agricultura Familiar de Itapuranga-GO. **Desenvolvimento em Questão**, v. 16, n. 42, p. 375-404, 2017.

FIRMIANO, F. D. O trabalho no campo: questões do passado e dilemas para o futuro. **Revista NERA**, v. 21, n. 41, 2018.

GARCIA, J. R. O papel da dimensão ambiental na ocupação do MATOPIBA. **Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia**, n. 35, 2018.

GOMES, M. R.; DE SOUZA, S. D. C. I.; FERREIRA, C. R.; DO NASCIMENTO, S. P. Redução da jornada de trabalho e o impacto no emprego brasileiro. **Revista Ciências do Trabalho**, n. 10, 2018.

LANDES, D. S. The fable of the dead horse; or, the Industrial Revolution revisited. In: **The British Industrial Revolution**. Routledge, p. 128-159. 2018.

MILLER, T. **China's urban billion: the story behind the biggest migration in human history**. Zed Books Ltd., 2012.

PIRES, C. Â. O FÊNOMENO DA FAVELIZAÇÃO NO INTERIOR DE MINAS GERAIS: O desafio das políticas públicas no direito à moradia. **Perspectivas em Políticas Públicas**, v. 9, n. 1, p. 146-167, 2016.

PRADO JR, C. **Formação do Brasil contemporâneo**. Editora Companhia das Letras, 2011.

THORNS, D. C. **The transformation of cities: urban theory and urban life**. Macmillan International Higher Education, 2017.

TOPEL, M. F. Brazilian Jewish communities: Globalization and glocalization. In: **Religion, Migration, and Mobility**. Routledge, p. 67-81. 2017.

WANDERLEY, M. N. B. **Um saber necessário: os estudos rurais no Brasil**. Campinas, SP. Ed. Unicamp, 2011.

WEVER, E.; KEEBLE, D. **New firms and regional development in Europe**. Routledge, 2016.

WOHL, A. **The eternal slum: housing and social policy in Victorian London**. Routledge, 2017.

ZAGO, N. Rural-urban migration, youth, and higher education. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, n. 64, p. 61-78, 2016.